

# Estudos do Trabalho

Ano V – Número 8 - 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

RESENHA

***Lukacs e o século XXI: trabalho, estranhamento e capitalismo manipulatório.* Giovanni Alves. Marília: Editora Praxis, 2010.**

**Nádia Bastos**

ESE-IPP, Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico do Porto. Professora do Ministério da Educação, Portugal.

Giovanni Alves, professor e pesquisador na UNESP, campus de Marília, tem-se notabilizado por uma vasta produção teórica na área da Sociologia do Trabalho e das Classes Sociais. Assim, em “*Lukacs e o século XXI*”, o autor soma novos argumentos às pesquisas desenvolvidas. Focalizando a abordagem à fase posterior a 1960 da obra do filósofo húngaro, Alves começa por considerar que «nesta quarta etapa de sua trajetória intelectual, Lukács põe efetivamente o projeto ontológico de Marx na perspectiva da elaboração de uma Ética, obra capaz de resgatar o compromisso candente com o marxismo radical, onde ser radical é ir até a raiz das coisas, e a raiz das coisas é o próprio homem» (p.24). Daí que o autor vá relacionar esta fase da obra de Lukacs a uma «crítica radical do mundo burguês» (idem) a partir da premissa de que existiria um «conflito abismal entre possibilidades concretas de desenvolvimento humano-genérico e o mundo social do capital» (p.25). Nesse sentido, o fundamento lukacsiano que Giovanni Alves irá absorver mais contundentemente será o «tema crucial da época do capitalismo manipulatório é o tema do “estranhamento”, com todas as suas implicações no plano das individualidades humano-genéricas e da práxis social emancipatória» (p.26).

Depois desta introdução aos propósitos ontológicos da obra, no segundo capítulo o sociólogo brasileiro desdobra um pouco mais o nível de abstracção e terá o conceito de cotidianidade como central no seu cardápio conceptual. Essa centralidade deriva do facto

# Estudos do Trabalho

Ano V – Número 8 - 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

de que «a cotidianidade ou, em termos ontológicos, o respectivo ser social, deve ser considerado, segundo Lukács, como “um inequívoco *factum brutum* de uma realidade social dada”, o “imediatamente dado”, o “ser-assim” [*Sosein*], ou o “ser-precisamente-assim” [*Geradesosein*] como base para a reflexão. Para ele, a especificidade da vida cotidiana consiste em que, aqui, sempre se encontra implicado o “homem inteiro”. O homem da vida cotidiana é sempre o homem inteiro que pensa, sente e atua» (p.28). A este título vale a pena referir que, como afirma Giovanni Alves, a categoria de cotidianidade em Lukacs é apreendida como o «momento de uma conexão geral de determinados complexos no âmbito de um processo histórico» (p.31). Esta abordagem tem a vantagem relativamente às perspectivas fenomenológicas de historicizar e contextualizar mais argutamente as acções sociais. Antes de encerrar este capítulo, Alves relembra que os conceitos em Lukacs buscam se constituir como instrumentos de captação das «formas de ser categorial do real e as condições de sua existência. A dialética não constrói tipos ideais, mas visa apreender tipos categoriais» (p.38).

Depois de dois capítulos iniciais sobretudo introdutórios acerca da trajectória intelectual e do método municiado por Lukacs, o capítulo subsequente busca concentrar-se nos elementos crítico-categoriais básicos da ontologia social do filósofo húngaro. Daqui em diante, Giovanni Alves acrescenta uma abordagem de actualização do legado lukacsiano ao carácter naturalmente expositivo previamente encetado. Em jeito de parêntesis, refira-se apenas que um dos méritos deste pequeno livro de Giovanni Alves tem que ver com a capacidade sintética e objectiva de alguns eixos estruturantes da última fase da obra de Lukacs. Regressando aos temas deste terceiro capítulo, Alves defenderá a ideia que é da tensão entre «aperfeiçoamento constante do trabalho e a crescente incognoscibilidade do conjunto das circunstâncias em que age o sujeito individual» em que o autor brasileiro cunha a expressão de «ampliação da faixa do desconhecido» (p.49). Sucintamente, o que Giovanni Alves procura mostrar é que apesar de toda a melhoria da produtividade do

# Estudos do Trabalho

Ano V – Número 8 - 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

trabalho social e do progresso técnico-científico, a ampliação de fenómenos de fetichismo social tem igualmente crescido. Neste ponto importa assinalar que esses fenómenos de fetichismo social derivam do carácter estranhado do trabalho assalariado no capitalismo e menos da tecnologia *per si*. É igualmente desta referida tensão que irá ter pertinência o aparecimento da ideologia enquanto fenómeno histórico. «Para Lukács, a *ideologia* propriamente dita, surge no momento da *divisão hierárquica do trabalho* entre trabalho manual e trabalho intelectual, justamente para, no meio dessa diferenciação promovida pela divisão do trabalho, ser o meio que garanta e que induza, essa unitariedade finalística na preparação e execução do trabalho. Ela se transforma na base espiritual estruturante do ser social que está dividido em conflitos antagônicos das classes sociais e penetrante pela divisão do trabalho» (p.54).

O capítulo final de “Lukacs e o século XXI” aborda um tema que Alves tem concentrado esforços noutros trabalhos: o capitalismo manipulatório. Neste âmbito, o resgate deste conceito de Lukacs servirá fundamentalmente para debater o estranhamento do trabalho nas décadas mais recentes. Contextualizando o conceito lukacsiano à actualidade, Alves lembra que «Georg Lukács denominou o capitalismo do pós-II guerra mundial de capitalismo manipulatório», ao mesmo tempo que enfatiza que «sob o capitalismo tardio, a manipulação torna-se nexó essencial do metabolismo social, penetrando os vários poros da vida cotidiana. A manipulação torna-se a matriz estruturante e estruturadora da alienação em sua forma intensa e ampliada, contribuindo, deste modo, para a desefetivação do ser genérico do homem» (p.57). Neste lugar do seu trabalho, talvez Alves devesse ter explicitado o porquê do recurso de uma categoria que tem a si associada uma forte carga ideológica. Por outras palavras, e para sermos sintéticos, parece-nos que, por um lado, o termo manipulação (referimo-nos ao termo e não ao conceito apresentado por Alves) aponta mais para uma noção proveniente do senso comum e menos para uma visão científica dos processos sociais e, por outro lado, a manipulação está frequentemente

# Estudos do Trabalho

Ano V – Número 8 - 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

associada a teorias da conspiração e ao desenrolar de dinâmicas não necessariamente estruturais (e estruturantes) de um sistema social conforme Giovanni Alves vai apresentando ao longo desta obra. Nesse sentido, talvez tivesse valido a pena uma maior cautela no uso de um termo com uma fortíssima carga subjectiva e ideológica. Não que os processos descritos no âmbito do conceito de capitalismo manipulatório não demonstrem pertinência analítica, mas a terminologia pode prestar-se a equívocos e a clarificação não foi plenamente apresentada.

Com efeito, relativamente aos importantes processos sociais contemporâneos apresentados em “Lukacs no século XXI”, Giovanni Alves demonstra grande fôlego teórico e uma instigante perspicácia, notadamente na relação que efectua entre a centralidade da extracção de mais-relativa no capitalismo mais avançado e a «disseminação do fetichismo da mercadoria e da reificação nas relações sociais e humanas» (p.61). O assentar do trabalho social a partir da incorporação crescente de capital constante no processo de produção (o que culmina na elevação da produtividade do trabalho) teria, desse modo, relevantes consequências na «questão do *controle da consciência*, alvo-chave da manipulação do consumo visando a venda das mercadorias e a realização da mais-valia. A manipulação se ergue no interior dos indivíduos cuja ânsia pelo consumo é instilada pelos aparatos de marketing e propaganda, como uma finalidade em si mesma» (p.68). Teríamos aqui uma expansão do eixo trabalho assalariado/estranhamento para a esfera do consumo. Por conseguinte, «de meio de vida, o consumo torna-se fim em si mesmo, o que é o sentido próprio da alienação, tal como ocorria (e ocorre) no *trabalho estranhado*, e agora também, no *consumo estranhado*. Amplia-se assim, a esfera da alienação social» (p.71). A projecção do estranhamento na produção para o campo do consumo surge como um vector pertinente na análise de Alves. Uma exemplificação dada pelo autor passa pelo «admirável mundo dos *shopping centers*, cuja arquitetura espetacular visa expor o mundo das mercadorias como sendo o único mundo possível. Segundo, a manipulação aparece como um processo

# Estudos do Trabalho

Ano V – Número 8 - 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

(de)formativo ou processo de subjetivação estranhada, que (de)constitui personalidades humanas, ou melhor, subjetividades humanas reduzidas à sua própria abstração, no sentido mesmo da redução levada a cabo pela vigência do trabalho abstrato» (p.73). Em suma, «o mundo social do capitalismo tardio, segundo Lukács, é marcado pelo estranhamento em suas múltiplas dimensões. Lukács salienta o estranhamento no trabalho, tendo em vista que, para ele, o trabalho continua sendo uma experiência indigna para o homem que trabalha. E destaca também o estranhamento no consumo: liberado do tempo de trabalho, os indivíduos não encontram uma vida plena de sentido» (p.76). Nesse âmbito, a categoria de estranhamento respalda amplitude analítica, na medida em que não surge isoladamente como consequência automática ou mecânica do capitalismo, mas onde desempenha um papel decisivo para a própria reprodução desse sistema socioeconómico. Por conseguinte, o campo da produção cultural e simbólica, para recorrer a uma importante contribuição de Pierre Bourdieu, não é um subproduto da esfera económica. A categoria de estranhamento surge então como um vínculo unificador entre as várias espacialidades da vida social na contemporaneidade.

Em síntese, estamos perante uma interessante obra de divulgação de algumas teses fundamentais de Georg Lukacs, bem como um estimulante exercício de aplicação de conceitos à realidade social mais recente. A busca de nexos capazes de superar cristalizações economicistas ou culturalistas é, assim, o principal mérito teórico e científico de “*Lukacs no século XXI*”, um breve mas estimulante livro.